

À MEIA-NOITE, ESTAREI PERDIDA PARA O MUNDO

Adriana, vinte e um
Patrícia, trinta e seis
Um Homem, trinta e sete

Um quarto de hotel. PATRÍCIA está sentada na cama com a cabeça metida nas mãos. ADRIANA encontra-se perto da janela, a olhar para o exterior através das cortinas. Elas nunca se olham, nunca se tocam e não têm consciência uma da outra porque estão no mesmo espaço mas em tempos diferentes. É tudo muito baço e lento.

ADRIANA

como é que nos apaixonámos? [silêncio] é horrível, não é? fica-se tão vulnerável. com o peito e coração abertos. e a outra pessoa pode entrar dentro de ti e revolver-te por dentro. constróis todas essas defesas, constróis uma armadura que te cobre, protege de alto a baixo para que ninguém te possa ferir, e depois uma pessoa, uma pessoa estúpida, igual a qualquer outra pessoa estúpida, atravessa-se na tua estúpida vida... dás um bocado de ti. não to pediram. fizeram um dia uma estupidez qualquer, como beijar-te ou sorrir-te, e a tua vida deixou daí em diante de ser tua. o amor faz reféns. entra dentro de ti. come-te e deixa-te a chorar no escuro, vai directo ao teu coração. dói. não é só imaginação. não é só mental. é uma dor de alma, uma dor real que te invade e te rasga e te parte. odeio o amor. [pau-sa] como é que eu fui fazer uma coisa tão estúpida. como

como consegui ser tão estúpida? [silêncio] depois um dia, um dia acordas de manhã e não sentes nada. sentes um vazio. quase um vazio. e perguntas-te, como se não desejaesses aquele momento, para onde foi aquele amor? toda aquela vontade, todo aquele desejo, aquela força que te parte e rasga. onde está? para onde foi? [pausa] e não sabes para onde. nunca sabes. de todas as vezes. sentes apenas que já lá não está. e voltas para a tua vida estúpida. para os dias estúpidos. uns atrás dos outros. até que alguém de novo faz uma estupidez qualquer e começa tudo de novo. e pensas: não aprendi nada? [pausa curta] não. e todo aquele desejo que te rasga, volta. [pausa] agora estou aqui. neste quarto. neste quarto de hotel. à espera... [silêncio longo. Sorri levemente] sabes que... [interrompe-se. Pausa] eu sinto cada gota. cada gotícula. cada célula, um número infinito delas. sinto um dilúvio quando ele se vem cá dentro, dentro de mim. é uma torrente de forças, algo monstruoso o momento em que ele me agarra com os braços longos e fortes. quando me agarra pela cintura e me puxa para o corpo dele. [pausa] eu pertencço-lhe. todas as minhas células. [pausa] e eu quero pertencer-lhe. ser dele. e ele serve-se de mim. é com isso que o meu corpo vibra. todo o meu corpo vibra. e com tudo isso, afasta-me de tudo. de todos. toda a minha vida converge para ele. para aquele momento. ele venceu-me. por isso quero-o. e agora estou aqui à espera dele. ele virá? [silêncio] lembro-me de todos os momentos. todos os momentos avassaladores, como se mais uma vez o olhar dele... ele estivesse aqui agora e o olhar dele atravessasse o meu corpo. recordo tudo, relembro tudo exactamente o que cada célula do meu corpo sente, sentia, como se ele estivesse aqui. perante mim. recordo cada momento, cada adereço, cada peça de roupa que vestia e que sabia que ele ia ver, olhar, analisar, enquanto o meu corpo era atravessado por aquela sensação. esta sensação. o que estará ele a fazer agora? quero-o aqui. comigo. não junto daquela mulher. a mulher. quero os nossos

jantares. as nossas noites na cama. (tivemos alguma vez alguma noite?) acordar de manhã e ele ali. os ombros grandes, fortes. os braços longos, fortes. as mãos a descansarem do meu corpo. para logo depois, assim que acordar, voltarem para mim, para o meu corpo. que é dele. como é que nos apaixonámos? um beijo. o hálito, os lábios. um beijo estúpido. e, logo ali, fiquei presa. refém. um único toque. um beijo e toda a minha armadura cai. para agora, tanto tempo depois sentir esta dor de alma, esta dor real que me rasga aqui, enquanto o espero. enquanto espero que deixe a vida dele, as coisas, a família, para me ter aqui. para o ter aqui. ele virá?

[silêncio]

PATRÍCIA

sou meia mulher. apenas uma metade. perdi a outra metade. a culpa levou-ma. a culpa transformada em quisto, em tumor. no ventre, perto dele. levou metade de mim, do meu corpo de mulher. foram estes anos. todos estes anos. todas os dias, noites, em que eu dizia baixinho o nome. o nome dele. todas as madrugadas em que sussurrei e pensei nele e ao meu lado na cama o meu marido. no quarto ao lado, a minha filha que a culpa não levou. meia mulher, culpada, estragada eu, apenas meia. metade. tu vens? será que me queres assim? *[silêncio]* fui eu. fui eu que... naquela tarde, naquela viagem de comboio fiz... cometi... fiz algo estúpido, aquela coisa estúpida. qualquer coisa e fiquei refém. a culpa toda minha. beijei-te. um beijo a um desconhecido. num comboio. e agora estou aqui perdida. como pude deixar que isto acontecesse? *[silêncio. Olha na direcção da janela]* o nevoeiro lá fora. como se estivéssemos num canto escondido da cidade. no banco de trás do meu carro e o nevoeiro de novo lá fora. a esconder-nos. a esconder-me perante os olhares que me trazem a culpa. a culpa de te ter. por te ter. por te querer. e depois do nevoeiro, o teu cheiro, o

teu corpo que carregava pela noite e pela cama. um corpo estranho a meu lado. o corpo do meu marido. que eu desejava que fosse antes o teu. todas aquelas noites em que pedi que o nevoeiro entrasse no meu quarto, envolvesse o quarto e o teu corpo aparecesse ali ao lado do meu. e depois dizer-te baixinho: sou tua. toma-me. [pausa] como se faz desaparecer um corpo? que não se quer? que não se conhece. para onde? como se faz aparecer um outro corpo pelo nevoeiro? pela noite escura? [pausa] e agora esta cama vazia com apenas o meu meio corpo. meio corpo culpado que sussurra pelo teu. onde estás? [pausa] com quem estás? [silêncio] estou aqui. [pausa curta] espero-te. perdi tudo. abandonei tudo. para vir aqui. estar aqui à tua espera. pergunto-me. pergunto-te: vens? vens aqui tomar conta do meu meio corpo? desta metade que ter quer?

ADRIANA

nunca quis ser a outra. a tua amante. aquela que te beijava com o olhar do outro lado dos foyers dos teatros. (e o meu corpo tremia com o teu.) nunca quis entrar nos cinemas, na sala escura, já depois de o filme ter começado. para te ter ao meu lado. (para estar do teu lado.) [pausa] onde estás agora? com quem? [pausa] sabes que te espero aqui. vem cá e faz-me qualquer coisa estúpida de novo.

PATRÍCIA

sinto tanta culpa. consome-me a metade que me resta. [pausa] ouves? parece-me ouvir o mar. as ondas a bater. (foi o nevoeiro que o trouxe. para perto de mim.) mas estamos tão longe da costa. tão longe um do outro. espero-te aqui, neste quarto. nesta noite. porque sei que amanhã não virás. espero-te.

ADRIANA

não aguento estar com os outros. só quero estar contigo. a sós. contigo. sem mais ninguém à nossa volta. por isso vim para

aqui. para estar contigo. aqui. e agora tu. faltas tu.

PATRÍCIA

o dia termina. já é noite. a última noite. porque sei que amanhã não virás. amanhã, estarei perdida para o mundo.

[um enorme silêncio durante o qual, em momentos diferentes, ambas olham para a porta do quarto. nada acontece.]

ADRIANA *canta tristemente*

à meia-noite.

eu acordei

e olhei para o céu.

mas de todas as estrelas

nenhuma me sorriu

à meia-noite.

à meia-noite,

eu pensei nos sombrios espaços infinitos

mas nenhum pensamento luminoso

me trouxe consolação

à meia-noite.

à meia-noite,

eu tomei atenção

aos batimentos do meu coração;

e uma dor aguda

atravessou todo o meu ser

à meia-noite.

à meia-noite,

eu travei a batalha,

ó humanidade, do teu sofrimento.

mas eu não a pude decidir

com todo o meu poder

à meia-noite.

à meia-noite,
o meu poder
nas tuas mãos entreguei!
na morte e na vida
tu és a sentinela
à meia-noite!

[silêncio]

PATRÍCIA *canta*

eu estou perdida para o mundo
com o qual desperdicei muito tempo,
e há tanto que ele nada recebe de mim
que pode bem pensar que estou morta!

mas não me importo nada
se ele me crê morta,
eu também nada posso dizer contra,
porque na realidade estou morta para o mundo.

eu estou morta para a sua agitação,
e descanso numa tranquila região!
eu vivo, só, no meu paraíso,
no meu amor, na minha canção!

[segue-se um outro silêncio, muito longo. Ouve-se o som de chaves na porta. Pausa. A porta abre-se e UM HOMEM entra com uma pequena mala de viagem. Ele não reage à presença de PATRÍCIA e ADRIANA porque não tem consciência delas. Elas observam-no. UM HOMEM coloca a mala em cima de cama, abre-a e começa a arrumar alguns objectos. Escuro lento.]